Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 4, jan-jun/2008

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

Réplica

Pedro Caldas

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Uberlândia, Brasil

CALDAS, P. “Réplica”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. II, n. 4 (jan-jun/2008), pp. 61-64.

DOI: 10.22409/1981-4062/v4i/56

Aprovado: 26.05.2008. Publicado: 30.06.2008.

© 2008 Pedro Caldas. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 26.05.2008. Publicado: 30.06.2008.

© 2008 Pedro Caldas. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Depois de ler o texto de Paulo Hamilton, concluí que não havia muito do que discordar. O que poderia ser uma controvérsia, uma nova edição virtual de vários debates ocorridos em universidades, escolas, bares e casas de família, será uma conversa mais amena, que, espero, produzirá mais luz que calor. Efeito da passagem do tempo? Pode ser.

Concordo, primeiramente, com o argumento de que o filme não pode ser imediatamente taxado de fascista. Como é um produto artístico, *Tropa de elite* não pode ser visto como um partido político, dotado de um programa, de estatutos, regimentos, membros etc. Não é uma instituição. Para ser fascista, teríamos que definir o que é uma estética fascista, algo que rascunhei em meu texto, baseando-me em Susan Sontag. E *Tropa de elite* está mais para Quentin Tarantino do que para Leni Riefenstahl.

Estou também de acordo com as opiniões de Paulo Hamilton no que diz respeito à sociedade brasileira, mais especificamente à carioca. Simplesmente reprimir o uso das drogas dificilmente causará a diminuição da violência nas ruas e nos morros do Rio de Janeiro. É mais uma atitude moralista, típica de quem deseja transformar o Brasil em um país escandinavo sem antes se perguntar como se deve comportar individualmente como escandinavo. Uma tal figura começaria por cuidar dos próprios filhos, ao invés de deixá-lo com uma empregada doméstica (sem carteira assinada, de preferência, onde já se viu?) para que lhe sobre tempo para digitar (ou dejetar) *posts* em *blogs* e fazer passeatas patéticas em favor da família.

Mas também tenho pontos de discordância com Paulo Hamilton: se não podemos julgar o filme pelo que ele suscita – no caso, reações fascistóides – também não podemos substituir o termo “fascista” pelo seu oposto, “democrático”, por ele gerar debate e provocar reações. Primeiramente, quando obtive o segundo lugar nas eleições presidenciais francesas em 2002, Jean Marie Le Pen suscitou debates em toda a Europa, o que não fez dele uma figura política mais ponderada e menos asquerosa. Em segundo lugar, se é para avaliar reações para qualificar o filme, como falou Wagner Moura, ora, temos que avaliar todas as reações, e não somente aquelas que reputamos como “democráticas”. Houve debate porque a sociedade em que vivemos é democrática (ao menos parcialmente, ou mais do que já foi um dia), e não porque o filme seja em si mesmo democrático. Fica a pergunta: o que seria uma “estética democrática”?

Ok, mas será que a construção da perspectiva do Capitão Nascimento é bem sucedida? Tenho minhas dificuldades, por exemplo, em ver na clássica cena do debate em uma sala de aula universitária sobre repressão policial, que apresenta uma discussão sobre *Vigiar e punir*, de Michel Foucault, que se trata da perspectiva do personagem de Wagner Moura. Sua voz em *off* sempre comenta as cenas, mas não há, na cena ou nas linhas do texto, nenhum comentário em que ele apareceria de modo conspícuo e diria: “Isto foi o que Matias me disse etc.” Sim, o filme é construído a partir de uma perspectiva, mas de uma perspectiva que parece onisciente, que é ilustrada por meio de imagens naturalistas, uma janela de onde se vê o mundo de forma tão nítida que esquecemos que só o vemos por esta janela, evidentemente circundada por paredes,

colocada em uma determinada altura etc. Por esta razão, repito: por que somente o Capitão Nascimento tem direito à ambigüidade e às fraquezas que são marcas de todos nós, ainda mais em uma sociedade tão conflituosa como a nossa? Mas é como eu falei: a dificuldade é minha. Não sou um homem de cinema, apenas um espectador bastante interessado pela sétima arte, fã de Bergman, Woody Allen, Clint Eastwood e outros tantos. Nada mais. Por isso, fica difícil contestar o prêmio recebido em Berlim, dado com o aval de Costa-Gavras, cineasta de esquerda e autor de filmes como *Z* e *Missing*. Ok. Mas vejam seu *Amen*. É um *Tropa de elite* mais discreto, mas que mostra um cenário ainda mais lúgubre do que a violência carioca (o Holocausto), em que as personagens não têm o direito à ambigüidade, em que o mundo se divide entre santos bondosos e vilões quase caricatos ou cínicos.

Quando se trata de filmes sobre sociedades podres, ainda prefiro o notável *M*, de Fritz Lang, em que o espectador se põe em questão, *Os esquecidos*, de Luís Buñuel, em que os oprimidos sabem que não são santinhos e que fazem escolhas (garantindo sua dignidade como personagens, ao invés de se apresentarem como engrenagens de uma máquina), e, para não ficar só nos grandes mestres do cinema mundial, lembro-me mesmo do subestimado *Pra frente Brasil*, de Roberto Farias, em que a denúncia à tortura dos militares é relatada pela ótica do “homem comum”¹, que, ao mesmo tempo em que é apresentado a um mundo que preferia ignorar, tem a consciência de que a alternativa proposta pelas guerrilhas (e não pela resistência democrática) possivelmente levaria a uma outra ditadura. Ou seja: é possível fazer um filme com a ótica policial que escape de clichês reducionistas. Mas não fui convencido por José Padilha.

* **Pedro Caldas é professor adjunto do Instituto de História da UFU.**

¹ Cf. MIGUEL, N. M. F. *Do milagre à abertura: Aspectos do regime militar revisitados através de uma análise do filme 'Pra frente Brasil'*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.